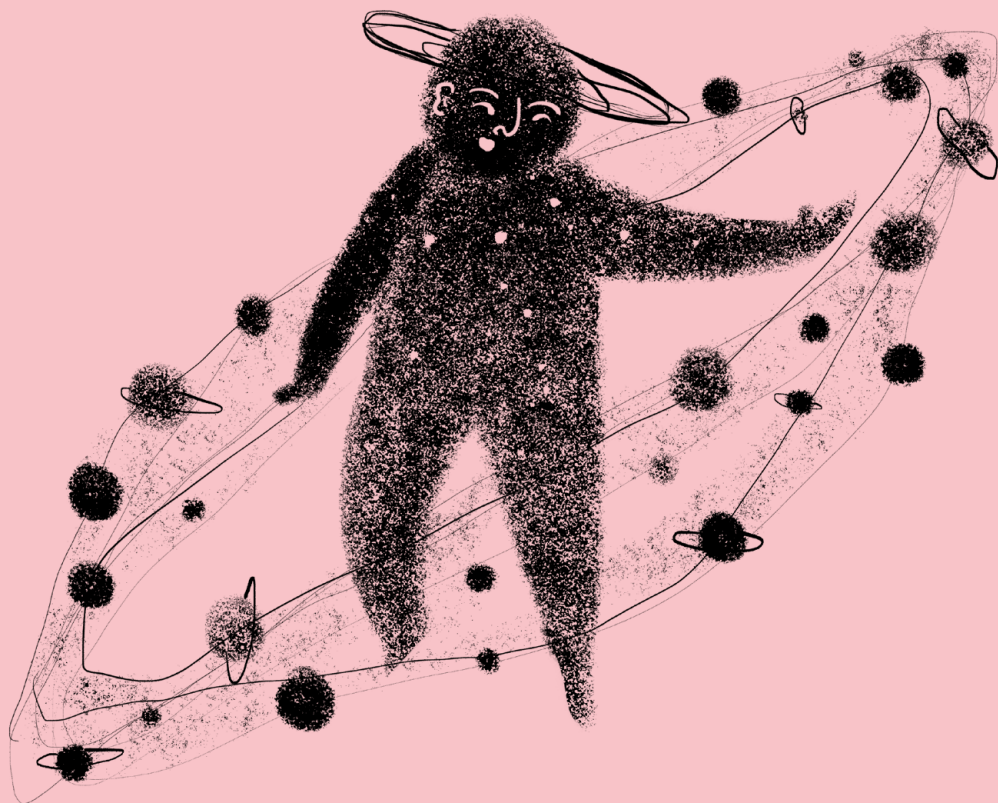


# O OUTRO MARCO POLO

QUE VIAJOU – TALVEZ –  
COM FERNÃO DE MAGALHÃES



DESCRIÇÃO ANOTADA DAS VIAGENS D'

# O OUTRO MARCO POLO

QUE VIAJOU – TALVEZ – COM FERNÃO DE MAGALHÃES

DA CONSTELAÇÃO DE  
ANDROMEDA | ANDRÓMEDA – SETOR VIII

A exploração da constelação de ANDROMEDA | ANDRÓMEDA – Setor VIII ocorreu, muitas vezes, graças à experiência acumulada dos exploradores. As suas descrições indicam que eles já tinham viajado anteriormente.

Alguns dos locais observados e registados apresentam-se calmos e simples, contudo, alguns outros fariam qualquer explorador desistir da sua missão! Ainda assim, nenhum destes navegadores deixou de apresentar o seu relato...

Seguiram pistas, evitaram conflitos, resolveram complicações. Explorar é conhecer o que não temos nos nossos países e saber, ao mesmo tempo, que não terão, lá onde se explora, conhecimento de “estranhos esquisitos” como nós poderemos parecer a quem nos vê pela primeira vez.

Os exploradores, comunicando, conseguiram geralmente fazer novos amigos e, frequentemente, encontrar uma nova casa – se o desejassem. Em alguns locais, os exploradores conseguiram até mesmo imaginar qualquer nova casa!

---

*Ao anónimo anotador das descrições,  
pertencem os itálicos que pontuam os textos.*

## A ALDEIA ASSOMBRADA

Quando tirei as mãos do leme da nau, pressenti que aquela aldeia misteriosa, que estava à minha frente, era uma aldeia assombrada. Fui devagar até à entrada da aldeia, olhei em volta e só vi casas destruídas, animais sem dono e pessoas infelizes. De repente, umas nuvens muito escuras taparam o céu e começou a trovejar, como num verdadeiro filme de terror!

Fui-me abrigar, mas a única casa que estava por perto, era uma casa assombrada. Como em todos os filmes de terror, um trovão apareceu e iluminou a casa! Também apareceu um corvo pousado num ramo; um corvo que crocica e depois desaparece. Quando entrei na casa e vi tudo desfeito, achei que aquela casa era, oficialmente, uma casa assombrada.

Em pezinhos de lã, entrei pela casa adentro, mas a porta fechou-se e trancou-se. Percebi que ia acontecer algo, por isso tentei abrir a porta, mas quando vi que a porta estava trancada comecei a entrar em pânico. Nisto, ouvi um ruído vindo de um armário, fui ver o que era, abri a porta, vi um esqueleto e dei um grito de susto! Andei para trás, pisei alguma coisa estranha, que me fez tremer de medo, olhei para trás e vi um fantasma. Mal o vi desatei a correr, mas mais fantasmas vieram e bloquearam-me a saída.

No meio disto tudo, tive uma ideia, trepei pela parede. Quando cheguei ao cimo, lancei uma corda até ao puxador da porta. Enchi-me de coragem e fingi ser o Tarzan, e a corda a liana! Lancei-me. Quando estava a chegar ao pé da porta, levantei os pés, dei um pontapé e fiz com que a porta se partisse.

Saí da casa a correr, fui até à minha nau, mas antes de ir embora, dei de nome a esta aldeia: “A Aldeia Assombrada”.

**Título:** Descrição Anotada das Viagens d'O Outro Marco Polo, que viajou – talvez – com Fernão de Magalhães

**Sub-título:** Andrómeda – Setor VIII

**Autores:** Afonso Teixeira Almeida, Antonella de Paula Rodrigues, Artur Cunha, Camila Rodrigues Paralta, Daniela Gonçalves, Danylo Babuch, Diogo Madeira, Eduarda da Cruz, Eva Magalhães Paiva Lopes, Gabriel Ferreira, Inês Azevedo, Maria Inês Silva Barros, Matilde Isabel da Silva, Nádía Leal, Núria Alves, Simão Pereira Rodrigues, Sofia Nunes, Telma Branco [Escola Básica da Ribeira, 4.ªA (Andrómeda – Setor VIII)]

**Design e Ilustração:** Miolo e Meio, Ida.

**Edição e Anotações:** R. M. Ribeiro

O Projeto-Piloto de “O Outro Marco Polo, que viajou – talvez – com Fernão de Magalhães” foi desenvolvido com o Agrupamento de Escolas Grão Vasco, no âmbito da iniciativa da Memória Comum – Associação para os Museus Municipais – Viseu; e decorreu em Junho e Julho de 2019, resultando em 5 cadernos (cada pertencente a uma turma do 1.º Ciclo do Ensino Básico), que foram publicamente apresentados durante o festival “Mescla”, a 07/07/2019.

A Fase 1 de “O Outro Marco Polo, que viajou – talvez – com Fernão de Magalhães” iniciou-se a 20 de Setembro de 2019, data dos 500 anos da partida da Expedição de Fernão de Magalhães que completou a primeira viagem de circum-navegação ao globo terrestre.

[projectopatrimonio.com/o-outro-marco-polo/](http://projectopatrimonio.com/o-outro-marco-polo/)

Viseu. Junho, 2020.

## A ILHA ALFABÉTICA

Desci da Nau, coloquei os pés no chão e perguntei-me: -Letras? A dançar? Isso não é normal! Provavelmente estou na ilha Alfabética, a mesma do mapa! Dei mais alguns passos e vi um castelo. Era todo colorido, com várias letras espalhadas e tinha 3 andares!

O primeiro andar era roxo, não só as paredes, mas também os móveis, o chão, as portas e também outras coisas que lá havia. O primeiro quarto era incrivelmente decorado com peluches, pisca-piscas, tapetes, e como eu disse: tudo roxo e com letras! Também lá havia vestidos de princesas e roupas de príncipes. O segundo andar era rosa. Havia a cozinha e a sala. Primeiro entrei na cozinha: tinha um frigorífico e adivinhem: sim, o frigorífico também era rosa, a comida que estava dentro dele também e cada alimento tinha ainda a letra inicial do seu nome! Na sala estava uma televisão onde só passavam programas de beleza, o sofá era macio e muito confortável e o tapete era feito de pelos fofinhos. O terceiro e último andar era... COLORIDO! No meio havia uma pista de dança, parecia uma festa! No lado direito havia um bar com várias comidas também coloridas. Bom, quando saí do castelo e fui para o jardim, olhei pra trás e as letras continuavam a dançar.

No jardim havia várias flores e também um labirinto. Entrei no labirinto e, obviamente, perdi-me. Comecei a andar e só depois de 20 minutos é que percebi que estava a andar em círculos. De repente, duas letras o A e o Z surgiram na minha frente e ofereceram-me ajuda: o A para voltar atrás, o Z para seguir pelo labirinto. Como queria ver o que havia depois do labirinto segui a letra Z. No final do labirinto havia letras a dançar outra vez e, atrás delas uma comida típica da Ilha, uma espécie de “slime” comestível e todo colorido, com letras por dentro. Eu comi e o sabor era muito bom!

Aquela viagem tinha valido mesmo a pena.

## O PAÍS DOS MONOTHATHES

Eu e a tripulação estávamos a navegar e encontramos uma ilha, mas como era uma ilha muito grande chamámo-la país. Saí da nau e vi ao longe fumo. Aproximei-me e vi uma espécie de índios mas que em vez de morarem em cabanas moravam em casas como as nossas.

Tentei aproximar-me, mas eles ouviram-me e prenderam-me. Chamaram o seu chefe que disse: – Que procura navegador? Não sabe que ninguém pode estar no nosso território?

Disse que não, não sabia. E perguntei quem eram eles. Responderam-me que eram Monothathes: os guerreiros mais conhecidos do mundo!

– Peço desculpa. Eu e os meus marinheiros não queremos guerra. Viemos em paz. Aliás, no nosso país estabeleceremos uma regra na navegação: nenhum navio pode vir até este país.

Disseram-nos então: – Só poderá ir para o seu «país» se nós formos também. Se alguma pessoa de lá nos atacar queimaremos a cidade inteira!

Chegámos a Lisboa e fomos passear pela cidade. Toda a gente olhava assustada para os índios mas lá conseguimos acabar o nosso «passeio». Depois do «passeio» o chefe índio virou-se para mim e disse: – As minhas sinceras desculpas, navegador. Pensava que todas as pessoas que não fossem índias eram inimigas, mas este passeio por uma cidade que não é índia fez-me descobrir que isso não é verdade. Obrigado.

– O prazer foi todo meu! – respondi.

Então, eu levei os índios para o seu país ou ilha (isso decidem os leitores) e, já no meu país, elegemos a regra de navegação de que falámos há pouco. Depois de descobrir o que tinha descoberto nesse dia, o chefe índio começou a ser mais simpático com os navegadores que, por acidente, iam parar àquela ilha.

## UMA ILHA MARAVILHOSA

Um dia, decidi navegar numa nau pelo mar fora, até chegar a uma ilha onde houvesse vegetação e animais. Nessa nau naveguei por muito tempo até que cheguei a uma ilha onde havia o que eu idealizava, mas de maneira diferente por exemplo: tigres azuis com riscas verdes, macacos amarelos, girafas cor-de-rosa peixes dourados. Todos eram diferentes naquela ilha.

A ilha era perfeita para mim e ainda melhor, todos os legumes sabiam a chocolate o que era excelente! O melhor daquela ilha era que todos aqueles animais maravilhosos falavam a mesma língua que eu!

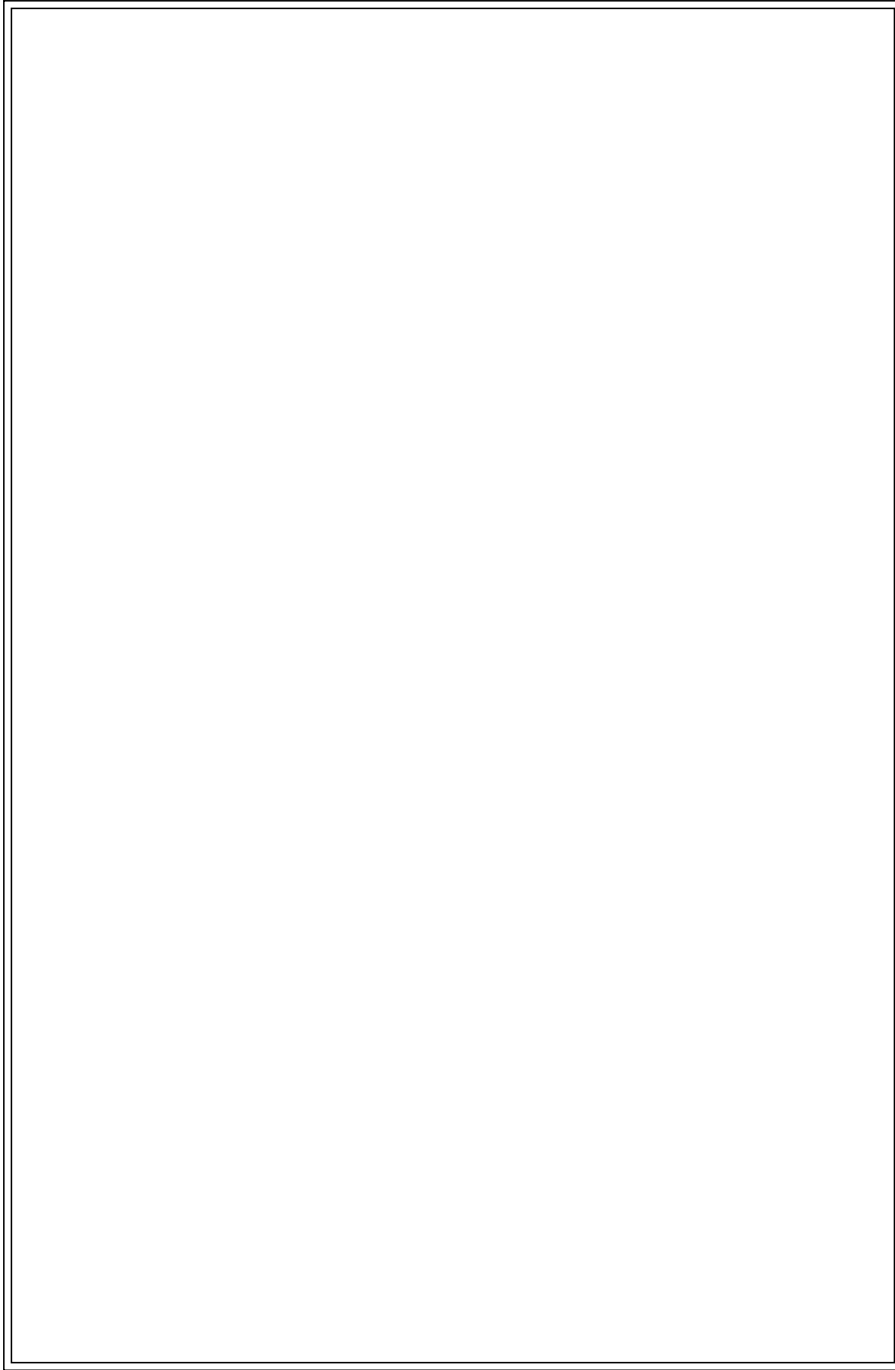
Depois de caminhar por toda a ilha, descobri que o rei da selva era uma formiga e não o leão! Eu imaginava uma terra diferente mas não tanto assim, fiquei muito feliz por esta descoberta.

## O PAÍS DESCONHECIDO

Quando cheguei ao país desconhecido, estava a chover, só que em vez de cair água, caíam estrelas cintilantes e belas. Naquele país havia um convento assombrado em que as paredes se movimentavam sozinhas e falavam entre si. No chão, havia pegadas esquisitas que não se conseguiam identificar, as quais segui, mas cheguei a um certo ponto em que elas desapareceram. Então desatei a fugir!

Saíndo desse convento, continuei a visitar este estranho país até que cheguei a uma montanha cheia de palmeiras. Ao tocar-lhes elas sentiam o toque e parecia que se riam. Mas além de todas estas coisas estranhas, também me estava a fazer confusão não ter encontrado ainda nenhuma pessoa. Por isso, continuei a procurar, a procurar... Então cheguei à conclusão que neste país só existiam animais e plantas.

A juntar a todas estas coisas estranhas, qual não foi o meu espanto quando os animais começaram a falar para mim com um ar ameaçador e a perguntar quem eu era e o que fazia no país deles. Assustada com tudo isto, resolvi sair de lá e voltar para casa o mais rápido possível.



## A ILHA DE GRAVITY FALLS

A ilha que explorei tem o nome de GRAVITY FALLS.

Quando viajei para essa terra tive de ir de barco e passei pelo triângulo das BERMUDAS, foi difícil. Nessa ilha havia montes de mistérios, e também havia uma alma malvada chamada Bill. Nessa ilha fiz um computador e chamei-o PORTÁTIL. Esse computador ficou com todos os mistérios de GRAVITY FALLS. Também escrevi nove DIÁRIOS sobre as criaturas dessa terra.

(Já fui a muitas outras terras com estranhas criaturas, mas esta terra era a que tinha mais mistérios e mais coisas estranhas. Por exemplo a tal alma tem vida, consegue ver-se, tem só um olho e tem poderes infinitos.)

Depois quis ir para outra ilha e parti...

## A CIDADE DOS DINOSSAUROS

Num bonito dia de primavera, eu parti numa viagem de iate, para descobrir uma nova terra! Passados cinco dias, avistei uma bela cidade, onde atraquei o meu iate, e vi o paraíso. Sai do barco e entrei naquela cidade, vi muitos dinossauros e por isso chamei-lhe “A CIDADE DOS DINOSSAUROS”.

Fiquei espantado porque os dinossauros agiam de uma forma parecida à dos humanos, falavam, iam a restaurantes, havia parques infantis para dinossauros pequeninos e vi dinossauros carnívoros a conviverem com os herbívoros!

A princípio fiquei um bocado assustado, mas depois pensei que eles não me fossem atacar, por isso fui ter com eles. Quando fui ter com eles vi um dinossauro velhinho e fui perguntar-lhe onde é que estávamos. Ele disse-me que estávamos no centro da cidade. Também lhe perguntei onde se comia bem e ele disse para eu ir a um restaurante chamado “CARNINHA TENRINHA”, então eu fui lá.

Depois fui ver a Câmara Municipal, onde descobri que o Presidente era um humano!!! Eu fui falar com o Presidente, quando reparei que o seu animal de estimação era um porco dinossauro, que tinha escamas, espinhos nas costas, focinho de porco e asas de dragão. O Presidente era muito simpático e convidou-me para ir jantar com a sua família. Quando lá cheguei vi que a sua mulher era um dinossauro e o seu filho era metade humano e metade dinossauro!

O jantar foi muito divertido, mas depois tive de voltar para casa!

## A ILHA MAIS ESQUISITA

Quando cheguei àquele território fui visitar uma casa esquisita que parecia assombrada. Entrei na casa e olhei para todos os lados para ver se havia alguém, foi então que olhei para a sala de estar e tinha lá (montes e montes de) espelhos velhos e partidos e também havia um camaleão da cor da parede. Eu achei muito estranho e disse:

– O que está a acontecer? Vou já para a cozinha!

Então fui para a cozinha e estava tudo normal, só havia uma coisa esquisita porque havia perus vivos, galinhas mortas em cima da mesa e peixes na cozinha e a quererem fugir do aquário. Fechei a porta para os perus não irem passear pela casa inteira!

Entretanto o corredor estava cheio de objetos estranhos. Quando fui para os quartos achei-os muito engraçados porque em cada quarto havia comida.

Passado um tempo fui para o quarto de casal e estava tudo desarumado e cheio de pó na roupa. Entretanto fui para as casas de banho, o papel higiénico estava todo na sanita, as toalhas estavam na banheira e estava roupa suja na torneira. Eu achei aquela casa muito estranha, mas também muito engraçada!

No fim de ver a casa toda voltei para o meu barco e rumei até à minha casa, onde contei tudo aos meus pais, mas eles não acreditaram!

## ESTRELAS CADENTES

Depois de muitos dias a navegar no mar e de várias descobertas, continuámos a viagem na esperança de encontrar um sítio novo!

Acabámos por ver um pedaço de terra e quando chegámos mais perto percebemos que era uma ilha deserta. Atracámos o barco e começámos a caminhar para ver o que aquela ilha continha.

A areia era azul com pontinhos a brilhar. As árvores tinham os ramos a cair como se fossem estrelas cadentes, dos vulcões saíram estrelas e à nossa volta eram só planetas a voar no ar. Parecia que estávamos no Espaço e batizei esta ilha de “Estrelas Cadentes”.

Os animais, esses, parecia que andavam com a cabeça na Lua. Corriam, saltavam, até conseguiam boiar no ar!

Esta ilha era muito gira, nós adorámos viajar e conhecer o espaço sem levantar os pés da Terra!

## A ILHA DO DESERTO

Um dia fui numa nau e cheguei a uma ilha que parecia um deserto. Nessa ilha havia uma pirâmide, mas havia um problema, eu não a conseguia ver. Procurei, procurei, mas não vi nada.

Depois apareceram dois cãezinhos falantes e perguntaram-me de que é que eu estava à procura e eu respondi que estava à procura de pirâmides. No dia seguinte, já um bocadito tarde, continuava à procura de pirâmides, até que encontrei uma.

Quando entrei encontrei lá os dois cãezinhos. Passados dois minutos uma múmia começou a persegui-nos e nós, com medo, começámos a fugir e chegámos a um beco sem saída. Os meus amigos cãezinhos começaram a escavar para fugir da múmia.

Quando chegámos à superfície percebemos que a múmia era um homem enrolado em papel higiénico: ele só queria assustar-nos. Perguntei como é que se chamava e ele respondeu que se chamava Luís. Ficámos todos amigos.

No dia seguinte nós fomos dar uma volta e encontrámos um palhaço chamado Gustavo. Nós fomos todos para casa e eu fiquei muito feliz por ter três amigos novos.



## A CIDADE DOS SONHOS

Quando entrei na cidade havia um placar grande a dizer «Cidade dos Sonhos». Naquele momento, eu fiquei com sede e queria um copo com água. Dez segundos depois apareceu-me um. Quando descobri que podia pedir tudo o que eu quisesse comecei a pedir basicamente tudo o que eu queria. Comecei a pedir muitas coisas estranhas, mas ao mesmo tempo divertidas e também coisas que eu própria inventei.

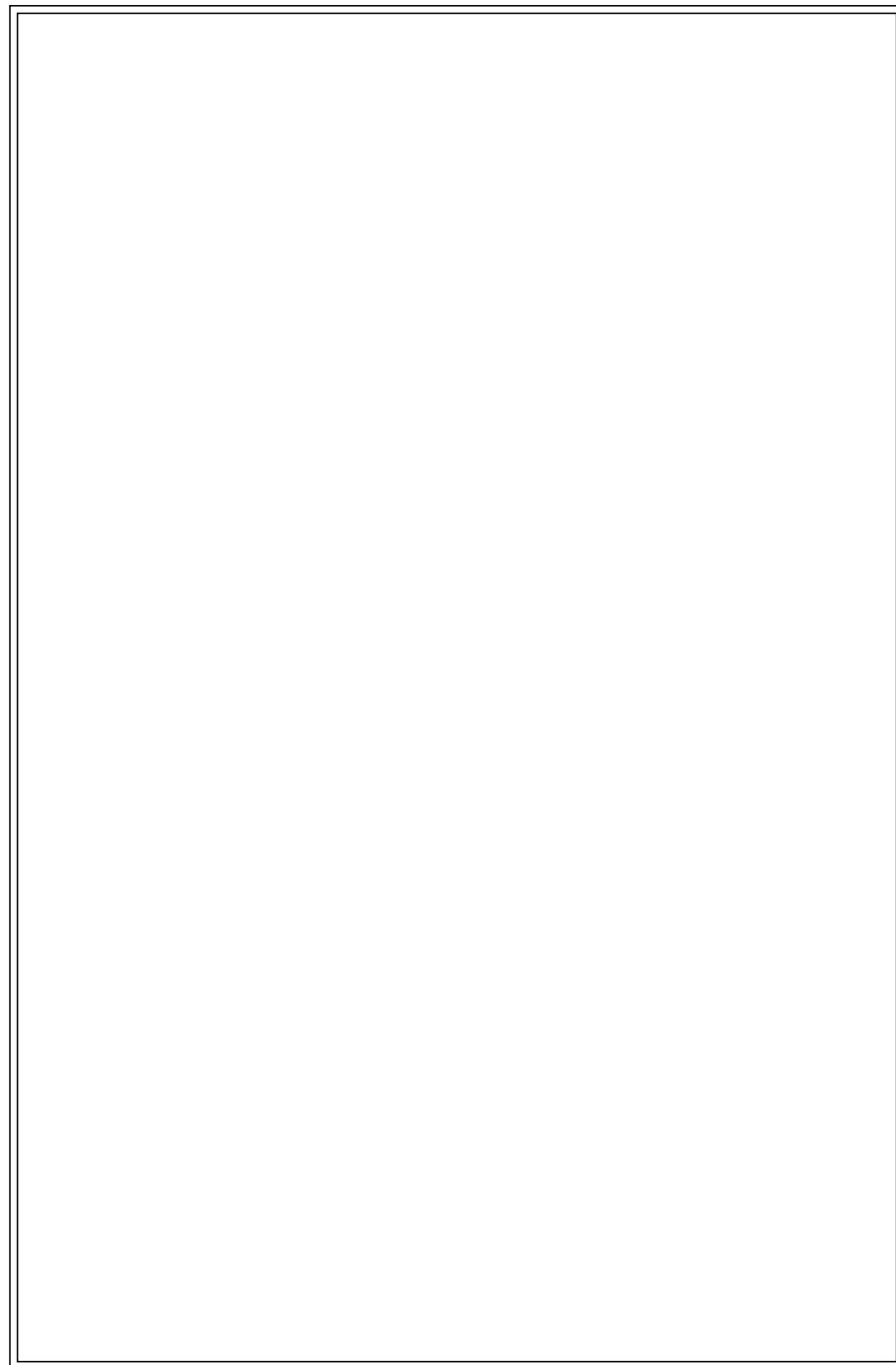
Uma das coisas foi uma cabine que tira fotos. Quando vi as fotos, eu estava com cabeça de unicórnio. As fotografias pareciam ter sido alteradas. Do nada ouvi uma voz a dizer «A foto sai sempre assim», então eu perguntei quem era e do nada apareceu uma criança. Na verdade, era uma menina boa e chamava-se Joana. Ofereceu-me lugar para dormir, em sua casa.

A casa dela era de papel e perguntei como é que ela dormia ali. Logo de seguida ela disse que podia pedir uma casa como eu quisesse, que ficaria segura, confortável e adequada para mim. Também me falou que o chão do quintal e de dentro da casa podiam ser como eu quisesse. Então eu pedi uma casa feita de doces e o chão de algodão. A Joana disse-me que o único problema desta cidade é que se tivermos tudo o que queremos, às vezes pode ser mau.

Quando nós estávamos a passear, a Joana quis uma boneca para me mostrar uma coisa. Quando lhe apareceu a boneca, ela mostrou-me que falava como nós, então eu fiquei a falar com ela mais um bocado.

Na hora de almoçar, eu descobri que a comida era infinita, se eu comesse um bocado, voltava a aparecer. No fim do almoço começou a ficar mais frio então para nos aquecer era só dizer: «Nuvem, nuvenzinha, traz o quente à vida», e lá aparecia uma nuvem-mini quente. Para iluminar havia um sol-mini, mas era melhor não lhe tocar porque ele queimava.

Esta cidade era muito interessante, mas eu tive que voltar...



## A ILHA MÁGICA

Eu ia na minha nau fazer mais descobertas marítimas quando, de repente, avistei uma ilha que estava afastada de todos os países do mundo, mas também não era muito grande, era pequena. Então decidi começar a explorá-la!

Quando lá cheguei, vi que não havia nada e fiquei muito desapontada e disse, para mim mesma, com um ar um pouco triste que queria mesmo muito explorar esta ilha, mas não havia nada para explorar.

Quando, de repente, disse em voz alta que queria alguma coisa para explorar como, por exemplo, um parque... de repente apareceu um parque, naquela ilha, completamente sem nada, mas, pelo menos, agora já tinha um parque.

Achei um pouco estranho, mas, quando me aproximei, do parque, fiquei outra vez muito triste porque o parque era aquático e eu não tinha trazido fato de banho e disse, outra vez em voz alta, que queria um fato de banho e ele apareceu.

Estava tão distraída, a brincar, que não percebi que todos os desejos, se concretizavam e percebi que aquela ilha era mágica e também que funcionava como os legos – tinha de se montar por partes. Nesse instante, pedi animais, de todos os tipos possíveis e imaginários, e eles apareceram todos porque, no final das contas, a ilha era mágica.

Depois, pedi algumas árvores como, por exemplo, macieiras, mas, as que eu pedi mais, foram as videiras porque uva é a minha fruta preferida. Pensei em muitos nomes para aquela ilha, mas, o que gostei mais, foi “Ilha Mágica” e, por isso, ficou esse o nome.

A partir desse dia aquela ilha nunca mais ficou abandonada.

## A ILHA DO TESOURO DAS ADIVINHAS

Quando eu saí do meu navio vi uma grande ilha. Essa ilha não tinha nada em seu redor a não ser neve e fui até uma gruta para me abrigar. Ao entrar na gruta vi pinturas rupestres que me pareciam significar um tesouro escondido naquela ilha.

Comecei a ler as adivinhas. A primeira adivinha dizia: «Se o tesouro queeres encontrar os ponteiros das 10h e 12 min vais ter de juntar.» Fiquei então a pensar: Juntar é a palavra mágica, pois vou ter de fazer 10 mais 12 igual a 22, ou seja, 22 passos na direção do ponteiro das 10h. Então lá fui.

Os meus passos levaram-me a uma pedra, virei-a ao contrário e estava lá uma adivinha: «Estou a ver que acertaste a última adivinha, agora lê com muita atenção: Os elefantes são os únicos animais que aqui habitam, e adoram um bom banho de lama, e depois de se sujarem todos só a água os pode salvar.»

Fiquei a pensar: só a água os pode salvar, bem isso quer dizer que o tesouro está ao pé do mar. Fui até à beira-mar e andei 22 passos em direção ao ponteiro das 10h porque senti uma ligação entre as adivinhas e o tesouro encontrei. Era uma visita guiada a toda aquela Ilha. Aproveitei-a ao máximo.

E voltei ao meu navio, à espera de novas aventuras!

## A ILHA DESCONHECIDA

Numa nau maravilhosa eu parti para uma ilha onde ninguém tinha ido antes e eu fui a primeira a visitá-la. Como eu não conhecia aquela ilha, fiquei um pouco assustada, mas depois fui andando pela ilha e comecei a não ter medo. A meio da ilha eu encontrei uma casa muito grande e muito colorida.

Aproximei-me da casa e entrei. Vi portas a abrir e a fechar sem ninguém lá estar e ouvia risos muito fininhos que vinham do outro lado da porta. Eu aproximei-me da porta, abri-a e lá dentro estavam muitas fadas coloridas e pequeninas, do tamanho da minha mão, tinham as asas brilhantes e estavam todas contentes e felizes a treinarem a sua magia. Eu estava escondida atrás de uma das portas para que elas não me encontrassem, mas sem querer, bati com o meu braço na parede e a fada com as asas azuis brilhantes deu conta e veio ter comigo e perguntou:

– Quem és tu? O que estás aqui a fazer?

– Eu vinha na minha nau e, sem querer, cheguei à vossa ilha e comecei a explorá-la. Entretanto descobri esta casa e entrei porque gostei muito das paredes coloridas e depois segui os vossos risos que eu achei muito engraçados. O que é que estão a fazer? – perguntei eu.

– Estávamos a treinar magia. Se quiseres fazemos alguns truques de magia para tu veres.

Eu adorei a ideia e fiquei naquela ilha a viver. Pedi às fadas que fizessem magia para aparecerem várias casas para que outras pessoas pudessem morar naquela ilha.

## A ILHA ASSOMBRADA

Eu estava a navegar no meu barco e, entretanto, cheguei a uma ilha assombrada e quando desci do barco, vi o esqueleto de uma pessoa no chão. Andei mais um bocado e vi um senhor sem um olho a matar outra pessoa, fugi logo dali.

À minha frente encontrei uma cascata, mas em vez de água era sangue, fiquei tão assustada que saí dali a sete pés. De repente apareceu à minha frente um grupo de zombies que me queria comer os miolos, eu estava encurralada, mas consegui fugir passando por baixo das pernas deles, então corri tanto que nem reparei que estava a entrar numa zona onde só havia lobisomens. Tive de lutar contra eles, e sobrevivi, mas foi por pouco!

Continuei a minha caminhada e vi que um grupo de gigantes com má cara estava a dirigir-se para mim. Queria fazer-me mal, mas eu ando sempre prevenida e tinha levado uma poção que transformava as pessoas em formigas e depois foi só pisá-los.

Atrás de mim estava um senhor com olhos negros e a escorrer sangue deles, tinha uma faca na mão e queria espetar-me nas costas, ao ver aquilo gritei por socorro e um senhor sem orelhas começou a gritar que matar pessoas era bom e dava boa carne para o seu bando comer ao almoço e jantar. Eu fugi. De repente um chupa-chupa andante com cobertura de sangue apareceu e disse que em vez de eu o comer a ele era ele que me ia comer de sobremesa, mas eu corri para o meu barco e saí dali para fora.

Eu gostei da viagem, mas não gostei das coisas estranhas que me esperavam!

## A TERRA MÁGICA E ESQUISITA

Num certo dia, durante a minha maravilhosa viagem de barco, cheguei a uma terra mágica, um deserto que ninguém conhecia. Nesse deserto só havia animais e plantas. Nunca tinham visto uma pessoa.

Era tudo muito invulgar naquele sítio. Os coelhos só tinham um olho, os elefantes não tinham tromba, os pássaros só tinham uma pata, os gatos não tinham orelhas, as ovelhas tinham asas, os cães não tinham cauda e muito mais eu encontrei por ali.

Também as plantas eram esquisitas: árvores sem raiz, flores com boca, catos sem picos e todas elas cantavam e dançavam. Para além disso, os animais conduziam mas os carros mais uma vez também eram esquisitos: pareciam-se todos com figuras geométricas.

Quis descobrir mais sobre a ilha e por isso fui investigar. Falei com as plantas e com os animais. Quiseram saber tudo sobre mim, de onde vinha, o que comia, o que gostava de fazer, quem era eu. Disseram que nunca tinha visto uma “coisa” tão estranha como eu, não sabiam sequer da existência de pessoas.

Pediram que passasse algum tempo com eles. As plantas desafiaram-me a cantar e a dançar e os animais quiseram fazer corridas.

Não consegui vencer nenhum deles, mas quando regresssei ao meu barco estava muito feliz. A única coisa que os habitantes deste planeta estranho me pediram foi que guardasse segredo e não contasse a ninguém da sua existência.

## A ILHA DA FANTASIA

Certo dia eu decidi que estava muito entediada e que precisava de alguma coisa para me animar. Então decidi que gostaria de uma aventura cheia de coisas fantásticas.

Como navegar me fazia ficar mais calma e eu adorava a brisa do mar e as descobertas, entrei num barco que estava atracado no cais. Iniciei viagem.

Encontrei uma ilha fantástica com uns coqueiros, umas bananeiras e umas mangueiras fantásticas. Quando as encontrei pensei que aquela ilha fosse uma ilusão! Quando provei os frutos, vi que não eram nenhuma ilusão.

Eu pensei em ficar instalada naquela ilha até me cansar (e só me cansei quando já era uma senhora de idade). Eu adorava aquela ilha mais do que qualquer coisa no mundo.

Quando voltei para minha casa contei tudo o que tinha visto aos meus netos que logo ficaram apaixonados pelo que a avó lhes contara. Os filhos ficaram muito felizes por voltarem a ver a sua mãe mas quando perguntaram quantos anos tinha e respondi “noventa anos”, eles ficaram boquiabertos.

Depois os meus netos quiseram que a prenda de aniversário fosse ir a uma entrevista na SIC. Toda a família estava a ver o programa para saber como é que se saía a sua avó e mãe.

Toda a gente da cidade ficou a saber a história daquela ilha e só a queriam visitar. A ilha ficou popular por muito tempo, popular até que deixaram de lá ir porque começou a desaparecer, por magia. E eu, já não tinha os “noventa anos”...

## A CIDADE DOS BRINQUEDOS

Estava no meu barco à procura de outros mundos quando descobri uma cidade fora do comum. Havia logo ali uma porta feita de arco-íris, na porta dizia «Se de um brinquedo gostares, num te irás transformar». Entrei na porta e, em breves segundos, o meu corpo foi transformado numa boneca. Entrei e vi um mundo encantado de brinquedos Barbies, Nancy's, X-Men, Homens-Aranha tudo o que se possa imaginar.

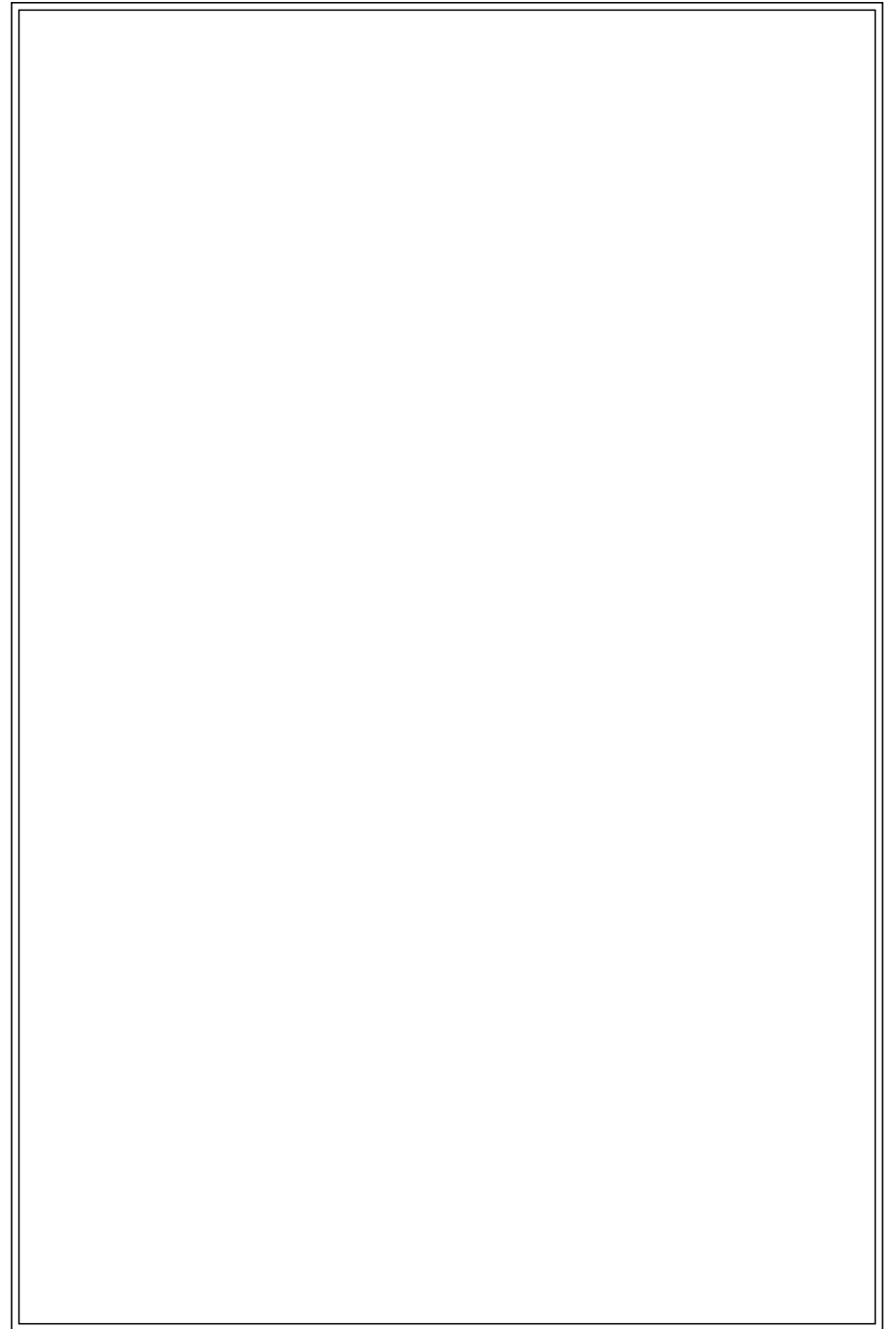
Cada um fazia a sua vida, uns no cabeleireiro, outros no parque aquático, outros a passear nos seus carros. Outros percorriam aquela cidade de teia em teia e uns a passear os seus animais.

Alguém se aproximou de mim, e perguntou o meu nome e eu respondi. Ela apresentou-se, era a Barbie, quer dizer, uma delas.

Disse que me tinha transformado numa bela boneca. O meu cabelo escuro e longo com um laço cor-de-rosa, a roupa a combinar e uns belos pantins.

Eu sorri e explorei toda aquela cidade de brinquedos, onde a alegria era contagiante e os sonhos realidade, podíamos ser quem quiséssemos.

Assim foi a minha viagem à cidade dos brinquedos.





O projeto "O Outro Marco Polo, que viajou – talvez – com Fernão de Magalhães", realizado com alunos dos 3.º e 4.º anos do Agrupamento de Escolas Grão Vasco (Viseu), é uma iniciativa da Memória Comum – Associação para os Museus Municipais – Viseu, por ocasião dos 500 anos da partida da Expedição de Fernão de Magalhães que completou a primeira viagem de circum-navegação ao globo terrestre.